

**Universidade Federal do Rio Grande do Norte**  
**Centro de Ciências Humanas Letras e Artes**  
**Departamento de História**

MF = 7.6  
JPA

**Luis da Câmara Cascudo: o folclorista**  
**– sua contribuição ao Folclore brasileiro nas décadas 40/50**

**Edilson Santos de Freitas**

**Natal/RN - 1999**

**Edilson Santos de Freitas**

**Luís da Câmara Cascudo: o folclorista**

**– sua contribuição ao Folclore brasileiro nas décadas 40/50**

Monografia apresentada à disciplina Pesquisa Histórica II, do Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, sob a orientação da Professora Denise Mattos Monteiro e co-orientação do Prof. Francisco Fernandes Marinho.

**Natal/RN - 1999**

**“... A vida aviva, apaga, retifica, substitui o que julgávamos permanente na hora da elaboração. Quando um pesquisador da cultura humana cristaliza conceitos e opiniões em livros que ficam valendo os pontos cardeais, (...) apenas finca um marco para que se vá medindo as distâncias contemporâneas das derivas.”**

**Luís da Câmara Cascudo.**

## **Agradecimentos**

A Deus fonte de toda sabedoria. Que com sua graça, nos premiou com o pensar, essência do existir.

A minha família. Pais, irmãos, esposa e filhos pela motivação constante.

Aos Professores do Curso de História da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, que na honrosa tarefa de Mestres, contribuíram para o nosso aperfeiçoamento pessoal.

Com carinho aos colegas, pela alegria, amenizando as dificuldades do curso.

## SUMÁRIO

|  |    |
|--|----|
| Introdução   | 05 |
| I – Folclore: História e Conceito  | 07 |
| I.A – Esboço <u>Histórico</u> de Folclore  | 07 |
| I.B – <u>Conceito</u> de Folclore na visão de alguns folcloristas brasileiros e o que estabeleceu a carta do Folclore brasileiro de 1951 | 09 |
| II – A evolução dos estudos de Folclore no Brasil.   | 14 |
| II.A – Das orientações <u>antigas</u> sobre o Folclore ao saber intelectual diferente do que antes prevalecia                            | 14 |
| II.B – As influências do <u>Movimento</u> Modernista de 22 e a assimilação da Modernidade em Câmara Cascudo                              | 17 |
| III – O Folclorista Luís da Câmara Cascudo.  | 20 |
| III.A – Dados biográficos  | 20 |
| III.B – Que é Folclore para Cascudo  | 22 |
| III.C – Da contribuição de Câmara Cascudo aos estudos Folclóricos  | 25 |
| III.C.1 – Câmara Cascudo: um grande FOLCLORISTA?   | 29 |
| III.D – Período no qual Câmara Cascudo se destacou como produtor de obras Folclóricas/Etnográficas.                                      | 30 |
| III.E – Câmara Cascudo: sua importância e reconhecimento em termos de Folclore.  | 31 |
| IV – Conclusão.  | 35 |
| V – Anexo I  | 37 |
| VI – Anexo II  | 40 |
| VII – Bibliografia   | 41 |

## INTRODUÇÃO

A nossa pesquisa visa mostrar dentro de uma perspectiva analítica a contribuição do escritor potiguar Luís da Câmara Cascudo ao Folclore brasileiro, assim como analisar alguns aspectos do Folclore que possam contribuir para uma melhor compreensão do referido termo. objetiva

O Folclore é uma sub-área da Antropologia Cultural, disciplina polêmica por excelência, devido as divergências conceptuais entre especialistas, (folcloristas).

Para efeito de sistematização da nossa pesquisa, fizemos um corte cronológico em duas décadas 40/50. Isso nos permitiu trabalhar sintonizados com esse respectivo espaço. corte  
temporal. Em seguida detalhamos o nosso estudo em três partes específicas. A primeira diz respeito a um esboço histórico do Folclore, suas raízes, desde a concepção etmológica do significado da palavra "Folk-Lore" (Inglaterra, séc. XIX). Vista essa questão, apresentamos o conceito de Folclore sob a ótica de vários autores.

O antropólogo Carlos Rodrigues Brandão, autor do livro "O que é Folclore" foi nosso referencial teórico, por entendermos que este autor apresenta dentro de uma visão contemporânea, um pensar folclórico mais próximo da realidade. ?

Na segunda parte do nosso estudo, falamos de como o Folclore começou a se desenvolver no Brasil. Comentamos os avanços e recuos do Folclore. Nesse ponto mostramos que o estudo do Folclore sempre esteve influenciado por circunstâncias inerentes à dinâmica da história. Essa parte inclui fatores políticos e sociais, tanto externos como internos. Especialmente os movimentos políticos-culturais que permearam os anos vinte no Brasil.

Na última parte do trabalho lidamos com o nosso objeto de estudo especificamente, falamos de Luís da Câmara Cascudo de inegável erudição no trato do saber, intelectual que em suas obras abordou os mais diversos assuntos e por isso, é reconhecido pela comunidade intelectual potiguar, como um sábio, polivalente e sabedor de todas as coisas. Ou seja: historiador, sociólogo, antropólogo, etnólogo, etnógrafo, folclorista, entre outros.

O escritor norte-rio-grandense Américo de Oliveira Costa em seu livro "Viagem ao Universo de Câmara Cascudo", ao se referir a Cascudo comenta:

“... É sempre o homem o tema e o objetivo de seus estudos e de suas experiências, naquele conceito terenciano de que em sua condição de homem nada do que é humano lhe pode parecer estranho. Onde acaba o folclorista e começa o sociólogo?...”

Verificando esta dificuldade de situar o estudioso Câmara Cascudo numa área específica do saber, sentimos a necessidade de fazer um estudo que viesse a preencher essa lacuna historiográfica.

Sabemos que Cascudo produziu inúmeras obras sobre o Folclore e a Etnografia e entre elas destacam-se: “Geografia do Mitos Brasileiros”, “Vaqueiros e Cantadores”, e o “Dicionário do Folclore Brasileiro”, entre outras.

Quando nos interessamos em estudar Câmara Cascudo, intuímos que o mesmo sofreu determinada influência histórico-cultural de sua época para adentrar no manancial fértil e fabuloso do Folclore, para produzir tantas obras sobre este assunto. Por isso, em virtude das considerações acima expostas, analizaremos o escritor Câmara Cascudo apenas numa faceta do saber humano, o Folclore.

Para facilitar a compreensão da leitura do nosso trabalho, apresentaremos uma breve biografia de Câmara Cascudo, para que se possa contextualizá-lo no espaço sócio-histórico-cultural de sua terra. Em seguida mostraremos o que significa Folclore para Câmara Cascudo e sua compreensão a respeito dessa disciplina. Falamos também da sua contribuição aos estudos folclóricos, e da sua produção em termos de obras folclóricas e etnográficas.

Como apoio metodológico do nosso trabalho, utilizamos argumentos de especialistas de áreas afins encontrado em bibliografias pertinentes.

Ainda nessa parte da nossa pesquisa, abordamos sobre a importância e o reconhecimento que teve Câmara Cascudo como folclorista brasileiro.

Justificativa  
do Tema

Tônico

## I – FOLCLORE: HISTÓRIA E CONCEITO.

### 1.A – ESBOÇO HISTÓRICO DO FOLCLORE.

O Arqueólogo Inglês, William John Thoms inventou a palavra "Fok-Lore" com o sentido de designar as "*Antiguidades Populares*". Essa palavra foi publicada em 22 de agosto de 1846 na Revista Ateneu de Londres, e no seu conteúdo significava: contos, lendas, mitos, provérbios etc.

Por muito tempo a palavra Folclore teve essa concepção <sup>S</sup>extrita. Depois, com o <sup>X</sup>passar do tempo, o termo passou a ser entendido como tudo que pudesse ser abrangido pela literatura oral.

Passado os primeiros momentos, a pesquisa alargou o âmbito da observação e o próprio William Thoms, passou a entender o "Fok-Lore" como: "*interessante ramo da antiguidades.*" (Almeida 1974:1).

Com o desenvolvimento das pesquisas, concluiu-se que para reconhecer os fatos folclóricos, seria necessário o recurso ao elemento histórico. Os historiadores por sua vez, entenderam no folclore, um capítulo particular da História. Dessa forma, o saber tradicional do povo, não se refletia apenas na literatura, pois não se podia compreender as manifestações do povo, sem conhecer o comportamento do homem em seus grupos sociais. Surge portanto a partir dessa premissa o primeiro impasse: o folclore avança e adentra em várias áreas do saber.

Alguns estudiosos consideravam que o Folclore deveria ficar restrito à literatura, à música e à arte popular; e nesse campo fincar suas fronteiras. Mas os folcloristas avançaram no domínio da cultura popular, indo alguns deles até o estudo dos povos primitivos, pois acreditavam que neles o folclore subsiste.

As discussões continuaram e cruzaram o século XIX em plena evidência. Dessa forma a aceitação do termo folclore, tem tornado difícil, senão impossível, o seu deslocamento das academias.

9  
O Lore do Folk (Saber do Povo), expressão que significa a palavra Folclore tornou-se de uso universal compreendendo os contos, mitos, lendas, provérbios, adágios, adivinhas, canções, superstições, enfim a literatura oral, transmitida boca a boca e cuja criação se faz no meio dos povos.



Quais?

Na Europa, os irmãos Alemães Jacob e Wilhelm Grimm, fundadores da disciplina Folclore, realizaram pesquisas em várias áreas do conhecimento, e coletando contos, lendas e mitos, chegaram à conclusão que a poesia e a história, no princípio, eram inseparáveis e se confundiam com epopéia. Diziam os Grimm que a epopéia é um flagrante, uma interpretação da realidade e não compilação de fatos. Afirmavam que a poesia, representa a alma da coletividade, brota do povo, e é apenas cantada pelo poeta. O que faz o autor, é modelar a obra do gênio nacional. Diziam os Grimm, que a existência do poema independe de qualquer autor e que a beleza e a maravilha dos contos, não são também do autor. Há uma "Naturpoesie".

Os irmãos Grimm consideravam um absurdo um indivíduo criar uma epopéia, e explicavam que a epopéia é uma criação do povo durante a sua infância, enquanto nesse período preserva a integridade dos seus costumes primitivos. cf.(ALMEIDA, 1974: 4).

Os irmãos Grimm estudaram lingüística e mitologia, abrindo através de seus estudos grandes horizontes à pesquisa do Folclore. Muitos estudiosos enveredaram por estes caminhos e se preocuparam em conhecer a mentalidade do homem primitivo.

No ano de 1878, por iniciativa de George Laurence Gomme, funda-se em Londres, a Primeira Associação Científica para o Estudo do Folclore: "A Folklore Society" cujos primeiros participantes são William Thoms, Tylor, Lang e outros cientistas. Dez anos após a criação da "Folklore Society", Gomme propôs que se discutisse o sentido abrangente da palavra Folklore; ficando estatuído o seguinte:

*I – narrativas tradicionais (contos populares, contos de heróis, baladas e canções, lendas locais);*

*II – costumes tradicionais (costumes locais, festas consuetudinárias, cerimônias consuetudinárias, jogos);*

*III – superstições e crenças (bruxarias, astrologia e práticas de feitiçaria);*

*IV – linguagem popular (ditos populares, nomenclatura popular, provérbios, refrões e adivinhas)."* (ALMEIDA, 1974: 5).

No ano de 1913, uma publicação da "Folclore Socyete", o Handbook, emitia o seguinte conceito de Folclore: "... tudo, o que constitui o equipamento mental do povo desde que distinto da procedência técnica".

O antropólogo brasileiro, Carlos Rodrigues Brandão no seu livro, "O que é Folclore" (1994: 29), explica: "entre o final do século passado e o começo deste, várias maneiras de definir o Folclore como "equipamento mental" de um povo tornaram-se "corriqueiras (...)". Na mesma página, Brandão afirma que o antropólogo Alemão Franz Boas, que teve grande importância na Antropologia Cultural norte-americana, tratava o Folclore, como "um aspecto da etnologia que estuda a literatura tradicional dos povos de qualquer cultura".

Para Brandão, essa compreensão do Folclore, exposta por Boas, acaba por ser sempre polêmica no Brasil.

Outro ponto polêmico da questão diz respeito ao Folclore e à cultura primitiva (mitos, lendas e cantos dos índios). O segundo ponto é o que trata "O Folclore como uma disciplina diferenciada de uma ciência, a Antropologia, e não como uma ciência autônoma".

(BRANDÃO, 30).

Muitos conceitos tentam explicar o Folclore. No sub-capítulo a seguir veremos alguns deles em diferentes autores, para obtermos uma melhor compreensão.

#### I.B – CONCEITOS DE FOLCLORE NA VISÃO DE ALGUNS FOLCLORISTAS BRASILEIROS, E O QUE ESTABELECEU A CARTA DO FOLCLORE BRASILEIRO DE 1951.

O folclorista João Ribeiro, que em 1913 dava curso teórico de Folclore na Biblioteca Nacional, entendia que o Folclore

*"... é uma pesquisa da Psicologia dos povos, das suas idéias e seus sentimentos comuns, do seu inconsciente, feito e refeito secularmente e que constitui a fonte viva donde, saem os gênios e as individualidades de escol. É como a linguagem cotidiana e vulgar em confronto com a expressão altiloqua dos escritores e dos poetas"*<sup>1</sup>

O escritor Américo Pellegrini em sua "Antologia do Folclore Brasileiro" registra que Amadeu Amaral procurado valorizar aspectos do comportamento e da mentalidade de coletividade, afirmava que

<sup>1</sup> PELLEGRINI FILHO, Américo. Antologia do Folclore Brasileiro, p. 12.

*“O Folclore estuda os produtos da mentalidade popular. O povo tem uma – ciência a seu modo, uma arte, uma Filosofia, uma Literatura-ciência, Arte Filosofia e Literatura anônimas. Tem também um direito, uma Religião e uma moral que se distinguem dos que lhe são impostos pela Cultura da Escola ou lhe vêm por infiltração natural de influências ambientes – muito embora possam ter tido uma origem cultural remota, mas já trabalhada por um inconsciente processo de adaptação à Psiquê Coletiva”* (PELEGRINI FILHO, 1982: 12)

Ainda na obra referenciada (1982: 24), Pellegrini Filho registrou do Folclorista Alagoano de grande destaque, Théo Brandão, um conceito sobre o Folclore:

*“O Folk não é propriamente o povo, a totalidade, a nação, a classe proletária ou campesiana. Mas os membros da sociedade ou do grupo que o conservam o patrimônio arcaico. Para o povo no sentido de nação ou classe proletária, o inglês usa de preferência o vocábulo ‘People’. O Povo-Folk, é ‘Common People’, o povo indouto, de conhecimentos não institucionalizados, é o povo que se expressa espontaneamente, que obedece as práticas consuetudinárias, que usa o saber empírico, que possui crenças sem doutrina. É o vulgo no que essa expressão exprime de modo de ser como já dissera Cervantes: ‘e não penseis Senhor que chamo vulgo apenas as pessoas de classe inferior, pois todo aquele que não seja nobre ou senhor, pode e deve ser chamado vulgo.’”*

É fácil observar o quanto há de divergências conceptuais nos autores quando tratam de explicar o Folclore; e isto, certamente se dá porque o objeto de estudo do Folclore é o próprio Folclore. Portanto, vejamos o conceito de Folclore dado pelo Sr. Edison Carneiro em seu livro *“Dinâmica do Folclore”*.

*“Entende-se por Folclore um corpo orgânico de modos de sentir, pensar e agir peculiares às camadas populares das sociedades civilizadas. Alguns Folcloristas estendem o campo do Folclore a todas as sociedades, até mesmo as primitivas. Entretanto, a existência de graus diferentes da mesma cultura é necessária para caracterizar o fenômeno. Embora peculiares, esse modo de sentir, pensar e agir não são exclusivos do povo. Se as*

*camadas populares os integram, em conjunto, à sua vida cotidiana, toda a sociedade se serve deles, fragmentariamente, sob esta ou aquela forma.*"<sup>2</sup>

Pelo que observamos quão grande são as divergências entre os especialistas ao procurarem explicar o folclore. Todavia, a Carta do Folclore Brasileiro, emitida pelo primeiro Congresso Brasileiro de Folclore em 1951, no RJ estabeleceu o que deve ser considerado como Folclore:

*"1. O I Congresso Brasileiro de Folclore reconhece o estudo do Folclore como integrante das Ciências Antropológicas e Culturais. Condena, o preconceito de só considerar Folclórico o fato espiritual e aconselha o estudo da vida popular em toda sua plenitude, quer no aspecto material, quer no aspecto espiritual*

*2. Constituem o fato Folclórico, as maneiras de pensar, sentir e agir de um povo, preservados pela tradição popular e pela imitação, e que não sejam diretamente influenciadas pelos círculos eruditos e instituições que se dedicam ou à renovação e conservação do patrimônio, científico e artístico humano ou a fixação de uma orientação religiosa e filosófica.*

*3. São também reconhecidos como idôneas as observações levadas a efeito sobre a realidade Folclórica, sem o fundamento tradicional, bastando que sejam respeitadas as características de fato de aceitação coletiva, anônimo ou não, e essencialmente, popular.*

*4. Em face da natureza cultural; das Pesquisas Folclóricas, exigindo que os fatos culturais sejam analisados mediante métodos próprios, aconselha-se, de preferência, o emprego dos métodos históricos e culturais no exame e análise do Folclore.*"<sup>3</sup>

Podemos observar que as linhas estabelecidas pela Carta do Folclore Brasileiro, foram apenas parâmetros norteadores do que deve ser entendido como Folclore, porém Brandão no seu livro "O que é Folclore" (32), diz que passadas mais de três décadas, algumas idéias evoluíram e por isso, se faz necessário nova compreensão, e ressalta: "... de um ponto de vista mais dinâmico, o Folclore pode abrir-se a campos mais amplos da cultura

<sup>2</sup> CARNEIRO, Édison. Dinâmica do Folclore..., p.1 apud Américo Pellegrini(1982, p. 17)

<sup>3</sup> BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é Folclore, p. 32

popular."<sup>4</sup> No livro, "O que é Folclore", Brandão transcreveu do antropólogo Mário Barbeau, do Dicionário de Folclore, Mitologia e Lendas (incluído em o Folclore dos Estados Unidos), o seguinte texto:

*"Sempre que se cante a uma criança uma cantiga de ninar; sempre que se use uma canção, uma adivinha, uma parlenda, uma rima de contar no quarto das crianças ou na escola; sempre que ditos, provérbios, fábulas, estórias bobas e contos populares sejam representados; sempre que por hábito ou inclinação, a gente se entregue a cantos e danças, a jogos antigos, a folguedos, para marcar a passagem do ano e as festividades usuais; sempre que uma mãe ensina a filha a costurar, tricotar, fiar, tecer, bordar, fazer uma coberta, trançar um cinto, assar uma torta à moda antiga; sempre que um profissional da aldeia (...) adestre seu aprendiz no uso de instrumentos e lhe mostre como fazer um encaixe e um tarugo para uma junta, como levantar uma casa ou celeiro de madeira, (...) aí veremos o Folclore em seu próprio domínio, sempre em ação, vivo e mutável, sempre pronto a agarrar e assimilar novos elementos em seu caminho. Ele é antiquado, depressa recua de primeiras cidadelas ao impacto do progresso e da indústria moderna; é o adversário do número em série, do produto estampado e do padrão patenteado."*<sup>5</sup>

Com muita propriedade e sutileza, Brandão utiliza traços característicos no discurso de Folclore e pertinentemente diz:

*"... Se o Folclore é isso, talvez não seja difícil compreender o que ele é. (...) Pode ser muito menos ou muito mais que isso. Na cabeça de alguns, Folclore é tudo que o homem do povo faz e reproduz como tradição, na de outros é só uma pequena parte das tradições populares. Na cabeça de uns, o domínio do que é Folclore é tão grande quanto o de que é cultura. Na de outros, por isso mesmo Folclore não existe e é melhor chamar Cultura, Cultura Popular o que alguns chamam de Folclore. E, de fato,*

<sup>4</sup> BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é Folclore., p.35  
<sup>5</sup> id. ibid., pp. 22/23.

*para algumas pessoas as duas palavras são sinônimas e podem suceder-se sem problemas em um mesmo parágrafo.”<sup>6</sup>*

E cita como exemplo o que diz o folclorista Bráulio do Nascimento, Diretor do Instituto Nacional do Folclore, na introdução de um álbum sobre o Museu do Folclore Edison Carneiro: *“A cultura popular pode intervir como elemento moderador no processo cultural, pois dispõe de instrumentos próprios para o equilíbrio necessário ao seu harmônico desenvolvimento.”*

E continuando no mesmo tom afirma Brandão que Bráulio do Nascimento, mais adiante, “muda apenas uma palavra pela outra”

*“A valorização do Folclore, o reconhecimento da importância da manifestações populares na formação do lastro cultural da nação, constituem procedimentos capazes de assegurar as opções necessárias ao seu desenvolvimento.” (1994: 24).*

Muitos são os pesquisadores que vêem diferenças entre Folclore e Cultura Popular, todavia, Brandão afirma que *“os dois nomes servem às mesmas realidades e, apenas Folclore é o nome mais “conservador” daquilo de que a cultura Popular é o nome mais “progressista”*. E, citando o folclorista potiguar Luís da Câmara Cascudo, afirma: *“com muita sabedoria, Luís da Câmara Cascudo mistura uma coisa com a outra e define Folclore como ‘a cultura do popular tornada normativa pela tradição.’”<sup>7</sup>*

Comungamos com o pensar folclórico do Antropólogo Carlos Rodrigues Brandão } no seu livro *“O que é Folclore”* (p p. 11/12), quando analisa festas e costumes populares em *“Pirenópolis”* (sertão de Goiás).

Com lucidez, perspicácia e discernimento, Brandão faz comentários, sobre noções de Folclore de modo coerente com a etnologia.<sup>8</sup> E ao registrar a maneira interrogativa e poeticamente, sem ferir definições expõe suas idéias:

*“... e por que as mulheres do Vale do Jequitinhonha pintam flores de maravilhas nas moringas que fazem? Por que esculpem difíceis seres tão fantásticos nos seus potes de barro? Por que os foliões de Santos Reis viajam dias e dias sob a chuva de Dezembro e Janeiro cantando velhas toadas de casa em casa, ao som de violas e rabecas? Por que dançam noites a fio as pessoas pobres*

<sup>6</sup> BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *O que é Folclore*, p.23

<sup>7</sup> id. ibd. p.24

*do país, vestidas de farrapos nos dias de trabalho, vestidas de Reis nas noites de festas? Por que as pessoas contam e recontam as estórias que ouviram dos avós e entre si repetem lendas do sertão? Por que criam? Por que cantam? Por que simbolizam? Por que dançam? Por que crêem? Por que não são apenas práticas e funcionais e, afinal, não dividiam seus dias entre a fábrica e a TV Globo? Por que, ao contrário, não cessam de caçar os sinais da beleza, da crença e da identidade rústica que existem nas coisas, que nós eruditos e urbanos, chamamos de Folclore?"*

*"Essas e outras são as perguntas que eu quero fazer aqui (...)"* diz Brandão. No final do seu texto, Brandão responde. Explicitando, mais do que definindo, *"o Folclore é sempre uma fala. É uma linguagem que o uso torna coletiva. O Folclore são símbolos. Através dele as pessoas dizem e querem dizer" – "para não esquecer quem são"*.

---

<sup>8</sup> "Ciência que tem por objeto o estudo da cultura material e espiritual dos povos." Verbetes, dic. Francisco Silveira Bueno; 1991, p. 276.

## II. – A EVOLUÇÃO DOS ESTUDOS DE FOLCLORE NO BRASIL

### II.A – DAS ORIENTAÇÕES ANTIGAS SOBRE O FOLCLORE/AO LABOR INTELLECTUAL DIFERENTE DO QUE ANTES PREVALECIA.

No final do século XIX, as orientações antigas consideravam o Folclore como parte da Literatura, da Lingüística ou da História. (CARNEIRO/1962, 47)

Por outro lado, alguns intelectuais brasileiros como Amadeu Amaral (1875/1929), acreditavam na associação dos esforços para se criar um Labor intelectual diferente do que existia. Essa idéia buscava conhecer a realidade folclórica nacional.

O Folclore nesse tempo era entendido como parte da Literatura, daí o surgimento dos Estudos de Poesia popular de Celso de Magalhães (1849/1879) e também das coletâneas e dos “*Cantos*” e “*Contos*” de Silvio Romero (1851/1914).

As técnicas de coleta, se podemos usar a palavra “técnica” em relação a esses trabalhos, eram primitivas. A inspiração renovadora, vinha de Amadeu Amaral, Filólogo, Poeta e Humanista. (CARNEIRO 1962).

Silvio Romero compreendendo a mesclagem sociocultural do Brasil, dividiu o material colhido em sua suposta origem branca, indígena, negra e mestiça. Os volumes da obra de Romero, “*Cantos*” e “*Contos*” Populares do Brasil, foram publicados em Portugal em 1883 e 1885, respectivamente. A estes trabalhos de Folclore sucederam-se vários outros, como os de Rodrigues de Carvalho (1897/1931), colecionador de exemplos de poesia e de drama, e que de maneira inadequada, registrava usos e costumes rurais e urbanos do povo.

No ano da Proclamação da República do Brasil (1889), Sant’ana Nery (1848/1901), publica em Paris “*Le Folklore Brésilien*” que encerra esse período de registro Folclórico.

No entanto, a derrocada financeira provocada pelo novo regime político brasileiro, a Revolta da Armada e a Campanha contra Canudos, intranquilizaram o país, e em vista desses acontecimentos, a coleta de dados, a descrição de usos e costumes, escaparam das mãos dos folcloristas e passaram para poetas e romancistas, que criaram nesse tempo uma literatura regional, em especial, onde as condições pitorescas e as condições socioculturais permitiam a criação de tipos lendários de heróis e de bandidos, com as imperfeições naturais da Literatura de Ficção.

No curso desse tempo, foram registrados pelos literatos o Interior Paulista, a Área das Secas (Nordeste), a Amazônia, Campos de Criação, Plantações de Açúcar, Garimpos,



etc. aparecendo também nesses cantões, as figuras de Beatos e Cangaceiros que ficaram consagrados na Literatura de Cordel e que encontram, num repente, uma interessada plateia nacional.

Certo tempo depois, vencendo forças contrárias, Pereira da Costa publica uma coleta de poesia popular e de usos e costumes de Pernambuco. Pouco tempo depois Júlia de Brito e Alexina Magalhães, coligiam, respectivamente, Canções de Adultos e Crianças (1911). E em 1913, João Ribeiro que se notabilizou como folclorista, ministrava na Biblioteca Nacional, o primeiro curso de Folclore do Brasil (CARNEIRO 1963: 47). Entretanto, no rol dos acontecimentos brasileiros, os primeiros anos da República deixavam muito a desejar: uma população rural miserável, ex-escravos marginalizados, classe média tímida e provinciana, e no comando do país, uma elite alheia ao seu destino.

Nesse ínterim, outros eventos, porém vieram a inquietar o país. A Campanha contra o Contestado (1912/1916) complica o quadro nacional; o início da Primeira Guerra Mundial, as Revoltas de 1922 e 1924, produziram no Brasil, novo hiato nos estudos de Folclore. Todavia, superando obstáculos Lindolfo Gomes e Gustavo Barroso conseguiram divulgar coletas de contos e poesias em 1918 e 1921, respectivamente. Este esforço, preparou o advento de Amadeu Amaral, que na época, semanalmente publicava num jornal de muita circulação de São Paulo, críticas sobre os estudos de Folclore, e propunha até uma sociedade demonológica.

Amadeu?  
Na década de vinte a República brasileira já dava sinal que desgastava-se economicamente, e a agricultura de exportação já se encontrava em crise (efeitos do conflito mundial). No plano econômico interno, aumentava a inflação. No plano social com o aumento da população urbana, já se podia observar uma classe operária mais atuante nos seus problemas, uma classe média incipiente mas com indícios de atuação, e ambas as classes sofrendo os efeitos da crise, havia também os efeitos de uma efervescência cultural que já despontava. O ano de 1922 é o ponto chave: os jovens oficiais de baixa patente começam a rebelar-se, os operários iniciam sua politização, as oligarquias agem retrogradamente e a jovem intelectualidade, principalmente de São Paulo, organiza um movimento para encurtar as distâncias culturais da verdadeira nação – é “A Semana de Arte Moderna”: processo cultural e político iniciado na década de 20 por Mário de Andrade, Tarsila do Amaral, Renato Almeida e tantos outros.

Nessa época, dizia Amadeu Amaral que o Folclore sofria de três males:

2 (A) *Sentimentalismo, excesso de teorizações imaginosas e precoces e excessos de dilettantismo erudito.*” Afirmava ainda, que os assuntos relacionados ao Folclore deveriam ser estudados *“Com um pouco mais de objetividade, menos literatura e documentação.”* (CARNEIRO 1962: 51)

Amadeu Amaral deixou claro a necessidade de mapear o Folclore, organizar biblioteca especializada, aliciar correspondentes em várias partes do país para realizar a coleta primária para o trabalho da revelação do Folclore, etc. Dizia Amaral que o material deveria ser *“contrastado, autenticado, localizado, sólido, sem fantasias, sem consertos, nem acréscimos em condições de ser confirmado ou retificado(...) como acontece com os materiais das Ciências Positivas”.* Infelizmente, não foi possível a Amadeu Amaral a coordenação dos trabalhos sobre o Folclore. Mas podemos conceber que numa nova perspectiva os trabalhos sobre o Folclore brasileiro continuavam a se desenvolver. E Mário de Andrade, o maior dos modernistas, herdando o material construído, tanto a crítica como a perspectiva a respeito da tradição, soube amadurecer essa realidade, e aproveitar as oportunidades; e quando os modernistas iniciaram suas viagens pelo interior do Brasil, já estava amadurecendo o projeto nacionalista de toda uma geração de intelectuais, que se desdobraria em várias correntes e posições ideológicas e estéticas.

#### II.B – AS INFLUÊNCIAS DO MOVIMENTO MODERNISTA DE 22 E A ASSIMILAÇÃO DA MODERNIDADE EM LUÍS DA CÂMARA CASCUDO.

Durante a década de vinte, houve intenso fluxo de intercâmbios e influências diversas entre intelectuais modernistas no Brasil.

No jornal *“A Imprensa”*, no dia 22 de Janeiro de 1922, o jornalista Luís da Câmara Cascudo diz que é preciso *“entrar no sertão”* e deixar de lado *“as vacuidades elegantes de Paris, o prosear vetusto de Lisboa.”* E na resenha que publicara, conclama: *“Esqueçamos um pouco as importações mentais e, pelas nossas belezas, volvamos à messe loira da infinita seara da alma sertaneja.”* (ARAÚJO 1998: 28)

Dessa forma Cascudo vai se inserindo dentro do Movimento Modernista, faz amizade com Mário de Andrade e trava intensa correspondência com o mentor do movimento cultural dos anos vinte.

Havia entretanto na década de vinte, intensa crítica entre vários intelectuais pela efervescência cultural do período. Em 1924, Câmara Cascudo argumenta que *“O*

*modernismo, o verdadeiro como eu tenho feito, é ser independente; nunca achei livro bem escrito porque Rui Barbosa achava. Nunca encontrei graça nos lábios convencionalmente alegres.*" (ARAÚJO 1995: 38)

Citamos outra amostra da postura modernista de Câmara Cascudo: *"Onde vimos renovação partir de um meio classicamente oficializado? Renovação vem de fora, das praças, das bibliotecas particulares, dos exemplos pessoais. Sirva de amostra o senhor Ronald Carvalho."*<sup>9</sup>

Cascudo convidou Mário de Andrade para visitar o Rio Grande do Norte, dezembro de 1928, janeiro de 29. Em companhia de Cascudo, Mário de Andrade embrenhou-se no sertão, num percurso de 1.104 quilômetros. Foram até Catolé do Rocha, Paraíba. Passaram por Macau, Assu, Augusto Severo, Carnaúbas, Umarizal e Martins.<sup>10</sup>

Pouco tempo depois, em uma série de pequenos artigos publicados por Cascudo no jornal *"A República"*, ele narra a viagem que fez com Mário de Andrade pelo sertão potiguar: *"Chique-chiques. Correrias desabaladas de auto para respirar-se. Para fugir-se ao encontro do gado que foi desenhado por Cícero Dias. Nem um rumor de alegria. Um tom lilás e de cinza. Os arruados passam monotonia de cansaço e de tédio."*<sup>11</sup>

Uma outra referência na série de pequenos artigos publicados por Câmara Cascudo no mesmo jornal *"A República"*, 1929, encontra-se uma alusão a viagem pelo sertão potiguar: *"Martins aparece quasi brusca, no Araxá. Cidadezinha-arrebalde, pintada de novo, com igreja de um azul infantil que saiu dos quadros de Tarsila, espera transportes íntimos com abraços e perguntas pela família."*<sup>12</sup> SIC

Depois da viagem feita pelo interior potiguar, Câmara Cascudo volta a Natal e Mário de Andrade ao sul do país. Ficara a experiência e o hábito Modernista. No entanto, Câmara Cascudo voltaria muitas vezes ao sertão para conhecer o país. Estaria iniciado o Folclorista?

Algumas obras da literatura potiguar<sup>13</sup>, afirmam que o folclorista Luis da Câmara Cascudo recebeu influências de Mário de Andrade.

Todavia, afirmamos que Câmara Cascudo, antes de manter contato com o escritor Mário de Andrade, já fazia publicações no campo da Etnografia e do Folclore e para

<sup>9</sup> ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte* p.37.

<sup>10</sup> ONOFRE JR. . *Manoel. Literatura de Província*, p.96.

<sup>11</sup> ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Asas de Sofia. Ensaços Cascudianos*, p. 63.

<sup>12</sup> id. *ibid.* p. 63

<sup>13</sup> ONOFRE JR.....p. 93; MELO, *Cartas de ...*, pp. 16/17; SOUZA, *"Cascudo Vida e Obra"...* Fasc. 2, p.35.

corroborar a nossa afirmação citamos publicações como “Festa tradicional da Capela dos Reis Magos”<sup>14</sup>, “Jesus Cristo no Sertão”<sup>15</sup>, “Folclore Infantil”<sup>16</sup>, entre outros.

Informamos que antes do escritor Mário de Andrade vir a Natal a convite de Cascudo para adentrarem no sertão potiguar, Mário fazia elogios à capacidade do escritor Norte-rio-grandense, como exemplo, citamos trechos da primeira carta de Mário de Andrade a o escritor Luís da Câmara Cascudo.

*“São Paulo, 14 de Agosto de 1924.*

*Luís da Câmara Cascudo*

*Você há – de permitir (...) que confesse a alegria que me deu o seu artigo. (...) Já o conhecia. O seu nome ficou-me dum artigo lido na revista do Brasil. O seu estilo atual, vivaz, (...) acredite que não me esquecerei mais de você. (...) o meu ponto é a confirmação das inteligências fortes. Você tocou-me rijo.*

*Terei sempre interesse em seguir seu trabalho, quer mandá-los?*

*Um sincero aperto de mão*

*Mário de Andrade*

*Rua Lopes Chaves, 108”<sup>17</sup>*

A partir de 1934, porém Cascudo aumentaria a sua demanda com a publicação do seu livro “*Viajando o Sertão*”, obra que revela o interesse do autor sobre a área que o consagraria.

Depois de “*Viajando o Sertão*”, Cascudo passa a produzir várias obras, enveredando tendenciosamente para a “tradição”, o saber do povo, o Folclore.

Em 1939, Cascudo publica “*Vaqueiros e Cantadores – Folclore Poético do Sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará.*”, livro que foi a base para sua larga produção de Folclore.

Dois anos após a publicação de “*Vaqueiros e Cantadores*”, Cascudo funda em Natal, em 1941, a Sociedade Brasileira de Folclore.

<sup>14</sup> Natal: 14/jan/1920.

<sup>15</sup> São Paulo: Revista do Brasil, 1922. pp. 245/249.

<sup>16</sup> Natal: A Imprensa, 15/jul/1924.

<sup>17</sup> MELO, Veríssimo de. Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo. p.31.

### III – O FOLCLORISTA LUÍS DA CÂMARA CASCU DO

#### III. A. – DADOS BIOGRÁFICOS

A 30 de Dezembro de 1898, nascia em Natal, no estado do Rio Grande do Norte, Luis da Câmara Cascudo, filho do coronel Francisco Justino de Oliveira Cascudo e d. Anna Câmara Cascudo.

Pertencente a uma família tradicional da burguesia local, o menino Cascudo nasceu e viveu cercado de mimo. Já no seu primeiro banho, o vinho do Porto temperou a água para que o infante ficasse forte, e dentro da bacia com água para o respectivo banho, foi posto uma pataca do Império para que no futuro não houvesse dificuldades por falta de dinheiro. Muito tempo depois Câmara Cascudo comenta em seu livro *“O Tempo e Eu”*, que a vida o havia ensinado muitas coisas, e entre elas, *“... que esses votos eram supersticiosos e bem intencionados”*.<sup>18</sup>

Foi uma criança pálida, enfermiça e magra; controlada por dietas e restrições alimentares e clínicas, e viveu sua meninice entre agasalhos de lã e cobertores de linho. Seus pais abusaram nos cuidados. Um dos seus primeiros brinquedos que tem lembrança, diz Cascudo tempos depois: *“... foi uma gaiola de periquito, sem o periquito que podia beliscar-me. Transformei a gaiola em navio, locomotiva, casa e creio que, muito depois, em periquito”*.<sup>19</sup>

As coisas apetecíveis e sedutoras às crianças, em geral estavam proibidas ao menino Cascudo, que devia também evitar, sereno, vento encanado, areia seca, vento da tarde, comida em lata, bolo de tabuleiro, pingo de chuva, puxar rabo de gato, catucar pinto, pé no chão, encangar grilo e outras tentações fascinantes às crianças de sua época. Sobrou-lhe o direito de ver livros de figurinhas, colecionar estampas de santos e ouvir aos pés-de-saia estórias de trancoso. Afirma Cascudo: *“Minha mãe fez-me estudar no Externato Sagrado Coração de Jesus das Irmãs Andrade, Guilhermina e Maria Emilia. Externato exclusivamente feminino”*.<sup>20</sup>

<sup>18</sup> COSTA, Américo de Oliveira. Viagem ao Universo de Câmara Cascudo, p. 10.

<sup>19</sup> CASCU DO, Luis da Câmara. O Tempo e Eu, p. 50

<sup>20</sup> id. ibd. P.50

Mas o menino mimado aos poucos vai fugindo do zelo matriarcal e em inúmeras façanhas, seria personagem no interior do estado, do que encontra-se relatado em *“Vaqueiros e Cantadores”*: *“dei lanços nos açudes, cacei mocós e preás nos serrotes, (...) ouvi o canto ululado da ‘mãe lua’ invisível nas oiticasas”*.<sup>21</sup>

Nesse cenário, o menino Luís crescia e no livro *“Tradição Ciência do Povo”*, afirma:

*“Pertencço a famílias do sertão onde vivi e deixei já rapazinho. O material desse depoimento constitui cenário de infância e juventude. Gado, cavalos, vaqueiros, cantadores. Residindo em Natal, a casa do meu pai era o consulado do sertão, cheia de exilados das caatingas e derrubadas. Como não entender a preferência temática da minha raça?”* (1971: 30)

De um desses regressos a Natal, Cascudo estudou humanidades no *“Atheneu Norte-rio-grandense”*, e posteriormente, cursou medicina na Bahia e no Rio de Janeiro indo até o 4º ano, quando resolveu desistir da carreira pela saudade de sua família e também pelos cuidados que dedicou aos pais já velhos, bem como devido à perda da fortuna do pai, e não haver como montar seu laboratório de patologia tão sonhado pelo jovem estudante. Abandonado o curso de medicina, Cascudo ingressa no curso de direito da Faculdade de Direito do Recife, reduto de grandes intelectuais do Brasil daquele tempo, onde formou-se em 1928.

Todavia, desde os 19 anos, Cascudo havia se dedicado ao jornalismo, e sua primeira produção intelectual foi uma crítica literária publicada em 18 de Outubro de 1918, na *“Imprensa”* (1914 – 1927), diário de propriedade de seu pai, o coronel Cascudo. Em jornais de Natal Cascudo colaborou mantendo secções diárias como *“Bric-a-Brac”*, na *“Imprensa”* e *“Acta Diurna”*, no *“A República”*. No ano de 1921, publica seu primeiro livro – *“Alma Patricia”* no campo da crítica literária.

As secções que Cascudo publicara constituíram-se nos germes de inúmeros livros de sua monumental obra.

Além dos jornais locais, Cascudo colaborou em jornais das capitais do Brasil, como o *“Diário de Notícias”*, do Rio de Janeiro, e *“O Estado de São Paulo”*, com uma série de artigos de etnografia e folclore.<sup>22</sup>

<sup>21</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *Vaqueiros e Cantadores*, p. 17.

<sup>22</sup> GICO, Vânia. *Luís da Câmara Cascudo. Bibliografia Comentada*. 1968/1995. p.36.

Como grande parte de brasileiros de seu tempo, Cascudo teve uma formação que podemos dizer assistemática. Lia tudo que chegava às suas mãos, pois seu pai, muito facilitara a busca de livros na Europa, o que colocava Cascudo numa posição privilegiada face às dificuldades de obtenção de boas obras naquele tempo. Câmara Cascudo lia francês, inglês, latim e italiano, entre outros. A sua fluência lingüística facilitara certamente as suas viagens que conforme Gico (1996: 37), foram *“quatro à Europa, uma à África e uma ao Uruguai, para ver, observar, anotar e coligir material para seus estudos”*.

Intelectual atuante, sempre esteve presente nas mais variadas atividades culturais do país. Pertenceu a todos os Institutos Históricos e Geográficos do Brasil, foi um dos fundadores da Academia Norte-rio-grandense de Letras, esteve ligado a sociedades de estudos folclóricos e etnográficos e foi o fundador da Sociedade Brasileira de Folclore, em Natal, no ano de 1941, sendo seu primeiro presidente. Cascudo *“Criou esta Sociedade dedicada ao estudo das coisas populares, por vir pesquisando sistematicamente a poesia, o conto e os costumes do Nordeste”*.<sup>23</sup>

Mas Câmara Cascudo não parou no seu labor intelectual e teve longa produção. Foi também professor, era como gostava de ser chamado. Professor e Diretor do Atheneu Norte-rio-grandense e foi professor de Direito Público Internacional na UFRN. Função na qual se aposentou. Foi ainda Cascudo, o fundador da Academia Norte-rio-grandense de Letras, e exerceu o cargo de Consultor Jurídico do Estado do Rio Grande do Norte. Essas e outras incumbências, não impediram Cascudo de produzir um vasto acervo bibliográfico que ultrapassa 150 obras, algumas já se tornaram clássicas como *“História do Rio Grande do Norte”*, *“História da Alimentação no Brasil”*, *“Civilização e Cultura”* e tantas outras.

Luis da Câmara Cascudo faleceu em Natal no dia 30 de Julho de 1986.

### III. B – QUE É FOLCLORE PARA CÂMARA CASCU DO

No livro *“Antologia do Folclore Brasileiro”*, Luís da Câmara Cascudo afirma que *“Não consiste o Folclore na obediência ao pitoresco, ao sertanejismo anedótico, ao amadorismo do caricatural e do cômico, numa caçada monótona ao pseudotípico, industrializando o popular”*.<sup>24</sup>

<sup>23</sup> GICO, Vânia. Luis da Câmara Cascudo. Bibliografia comentada 1968/1995. p. 37

<sup>24</sup> COSTA, Américo de Oliveira. Viagem ao Universo de Câmara Cascudo. P.72.

Todo o esforço de Câmara Cascudo se fazia no entendimento do Folclore-ciência, com investigação, interpretação, comparação, classificação. A exigir métodos, em face de sua importância no quadro das ciências psicológicas, morais e sociais. (COSTA, 1969: 72)

Em “Antologia do Folclore Brasileiro”, Cascudo afirma textualmente que

*“O Folclore é uma ciência da psicologia coletiva, com seus processos de pesquisa, seus métodos de classificação, sua finalidade em psiquiatria, educação, história, sociologia, antropologia, administração, política e religião”.*<sup>25</sup>

Pelo que podemos observar, Câmara Cascudo desenvolveu extensos conceitos de Folclore, e a sua visão a respeito do Folclore é muito abrangente. Vejamos a definição no Dicionário do Folclore Brasileiro, em sua 1ª edição, de 1954:

*“O Folclore é a ciência da psicologia coletiva, observada através de pesquisas a todas as manifestações espirituais, materiais e culturais do povo (...). cultura geral no homem, da tradição e do milênio na atualidade do heróico no cotidiano”.*

Em “Folclore do Brasil” – Pesquisas e Notas (Fundação José Augusto. Natal: 1980), Cascudo define que

*“Todos os países do mundo, raças, grupos humanos, famílias, classes profissionais, possuem um patrimônio de tradições que se transmitem oralmente e é defendido e conservado pelo costume. Esse patrimônio é milenar e contemporâneo. Cresce com os conhecimentos diários desde que se integrem nos hábitos grupais, domésticos ou nacionais. Esse patrimônio é o Folclore”.*

E acrescenta ainda, afirmando que “Folk” significa povo, família, nação, parentalia; enquanto “Lore” quer dizer conhecimento, instrução, sabedoria, “saber que sabe”, atualização etc. e ainda explica que o Folclore é uma cultura viva, útil, diária, natural, é o uso, o comum embora antiquíssimo e afirma que o povo tem o senso utilitário em nível muito alto, e que as coisas apenas vão sendo substituídas por outras, o navio de vela navega junto ao transatlântico, o automóvel não quebrou a excelência aristocrática do cavalo de sela. Enfim, afirma Cascudo que há uma sedução irresistível e muitas outras coisas permanecem. E conclui: “tudo isto é Folclore”. cf. (CASCUDO 1980: 13)

<sup>25</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Antologia do Folclore Brasileiro, prefácio.



Mas o Folclore para Câmara Cascudo seria tudo o que é popular? Não, necessariamente. Pois assim entendia Cascudo, *“O Folclore é o popular, mas nem todo popular é Folclore”*. E ensinava *“que é preciso que o motivo, o fato, ou ação seja antigo na memória do povo”*, anônimo em sua autoria, divulgado em seu conhecimento e persistente nos repertórios orais ou no hábito normal.

Uma anedota, diz Cascudo, *“é tipicamente folclórica”*. As festas tradicionais, os folguedos e os bailes. Afirma Cascudo que o Carnaval, o São João e o Natal, *“centralizam no Brasil as maiores e mais numerosas convergências dos folguedos populares”*. Diz inclusive que a festa de São João conquistou africanos e **amerabas** e faz uma citação do cronista colonial Fernão Cardim (1548 – 1625): *“Pelos fogueiras de São João, porque suas aldeias ardem em fogos para saltarem as fogueiras, não os estorva a roupa, ainda que algumas vezes chamusquem o corpo”*.

Sobre as festas de São João, referindo-se aos motivos folclóricos, Cascudo cita versos conhecidíssimos: **“São João disse, São Pedro confirmou que você fosse meu compadre que Jesus Cristo mandou!”** e em outros versinhos que são ainda muito claros na memória popular, escreve:

*“Capelinha de melão é  
de São João;  
é de cravo, é de rosa,  
é de manjeriço”*.<sup>26</sup>

Para Câmara Cascudo o fato, ou o motivo folclórico, devem ter as seguintes peculiaridades às quais foram instituídas pela Sociedade Brasileira de Folclore, fundada em Natal, por ele, em 1941: A) Antigüidade, B) Anonimato, C) Divulgação e D) Persistência.

Sobre cultura popular Cascudo afirma: *“Compreende o artesanato, as indústrias caseiras”* e tudo quanto acompanhar a tradição manufatureira mesmo com modificações que não mutilem *“la santa continuidad”*.

Finalmente para Cascudo, o *“Folclore é a cultura do popular tornada normativa pela tradição”*. Técnicas de processos utilitários, que inclui nos objetos e fórmulas populares, uma Quarta dimensão sensível ao seu ambiente. O conteúdo do Folclore em Cascudo

*“ultrapassa o enunciado de 22 de Agosto de 1846, quando Willian John Thoms (1803 – 1885) criou o vocábulo. (...) Qualquer objeto que projete interesse humano, além de sua*

<sup>26</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. Folclore do Brasil. P.13

*finalidade imediata, material e lógica é folclórico. Desde que o laboratório químico, o transatlântico, o avião atômico, o parque industrial determinarem projeção cultural no plano popular, acima de seu programa específico de produção e destino normais, estão incluídos no Folclore...*<sup>27</sup>

Para Luís da Câmara Cascudo, o Folclore, como pudemos observar, tem uma dimensão muito grande, permeia, como vimos, muitos lugares, mas certamente está mais próximo do povo. Em suas festas, suas crenças, mitos, superstições, lendas, alimentos, provérbios, adivinhas, refrões, jogos, brinquedos, contos e outros.

### III – C – DA CONTRIBUIÇÃO DE CÂMARA CASCU DO AOS ESTUDOS FOLCLÓRICOS

Afirmar que Luís da Câmara Cascudo contribuiu para os estudos do Folclore no Brasil, é dizer certamente muito pouco sobre este intelectual, que dedicou grande parte da sua vida aos estudos do Folclore.

O renomado folclorista Renato Almeida, em seu livro *“A Inteligência do Folclore”* (1974), afirma que Luís da Câmara Cascudo, no prefácio do seu livro *“Geografia dos Mitos Brasileiros”*, em 1947, já *“afirmava, com sua autoridade e numa enérgica reclamação”*, no Brasil não haver ainda uma entidade que se preocupasse com os estudos de Folclore.

Dizia, então, Câmara Cascudo que a falta dessa sociedade para estudos da cultura do popular, afastava qualquer possibilidade de realização sistemática e geral para os estudos do Folclore. E em função disso, afirma que *“A consequência é ouvirmos folcloristas como palavra pejorativa e vagamente insultuosa”*.<sup>28</sup>

Pelo que pudemos averiguar durante os nossos estudos, Luís da Câmara Cascudo é um intelectual preocupado com o desenvolvimento do estudo da cultura popular.

No dia 30 de Abril de 1941, Cascudo funda a Sociedade Brasileira de Folclore, para atender a uma necessidade de sistematização dos estudos de Folclore. Esta sociedade dirigida pelo próprio, é a primeira do gênero no Brasil, e a ela pertenceram especialistas de várias nacionalidades. cf. (GICO, 1996: 165).

<sup>27</sup> CASCU DO, Luís da Câmara. Dicionário do Folclore Brasileiro. Melhoramentos. MEC. 4ª Ed. São Paulo, 1979.

<sup>28</sup> ALMEIDA, Renato. A Inteligência do Folclore. P.299.

Dois anos antes da fundação da Sociedade Brasileira de Folclore em 1941, Cascudo havia publicado o famoso livro *"Vaqueiros e Cantadores"* 1939, obra que iniciaria a sua brilhante contribuição à bibliografia brasileira de Folclore.

Quanto a importância da fundação da Sociedade Brasileira de Folclore, como contribuição dada por Câmara Cascudo, não podemos omitir o que registou o professor Américo de Oliveira Costa no livro *"Viagem ao Universo de Câmara Cascudo"* 1969, referindo-se ao que disse o escritor e folclorista Edison Carneiro em *"Dinâmica do Folclore"*: *"Coube a Luís da Câmara Cascudo(...), que desde 1922 vinha pesquisando sistematicamente a poesia, o conto e os costumes do Nordeste, criar a primeira associação dedicada ao estudo das coisas populares."*

Regista ainda (COSTA, 1969), que, segundo o Sr. Edison Carneiro, deve-se a Sociedade Brasileira de Folclore, a preservação da riqueza dos folguedos populares da cidade de Natal e, também, a força do intercâmbio internacional constante feito com os folcloristas internacionais, entre eles, Archer Taylor (Estados Unidos), Vicente Mendoza (México), Castillo de Lucas (Espanha), Raul Cortazar (Argentina), Von Sidow (Suécia). Inclusive o folclorista Stith Thompson dos Estados Unidos, que foi hóspede da Sociedade Brasileira de Folclore em Natal, em junho de 1947.

Um outro fator de contribuição aos estudos folclóricos legado por Câmara Cascudo, diz respeito a uma vasta bibliografia anotada, traduzida ou produzida por ele que de certa forma se relaciona com o Folclore.

Para elucidar a obra folclórica de Câmara Cascudo, apresentaremos comentários sucintos, de apenas algumas obras, tendo em vista os limites implícitos nessa pesquisa:

1-*"Vaqueiros e Cantadores; Folclore poético do sertão de Pernambuco", Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará."*

Como a primeira contribuição sistemática ao Folclore brasileiro. Essa obra abriu o itinerário de forma brilhante ao tema, que consagrou Luís da Câmara Cascudo. Reúne os primeiros motivos da poesia tradicional sertaneja; fala do ciclo social do gado, do ciclo heróico dos cangaceiros, das histórias de bichos. Argumenta as formas de expressão poéticas, como quadras, versos sete-silabas, ABC, pé quebrado e outros. Trata também da poesia mnemônica e tradicional, dos romances *"A Donzela Teodora"*, a *"Princesa Megalona"*, das vaquejadas e apartações, gestas de animais; o romance do *"boi da mão de pau"*, estudo sobre o cantor com suas sagas, fontes de erudição e inspiração. Fala de Fabião das

Queimadas (cantador ex-escravo nascido no RN, que com a cantoria conseguiu dinheiro para a sua alforria), autor do romance "Boi da Mão de Pau".

Em "*Vaqueiros e Cantadores*" Cascudo pergunta quem é o cantador? E o próprio Cascudo responde: "*É o descendente do Aedo da Grécia, do rapsodo ambulante dos Helenos, do Glee-Man Anglo-Saxão*" e outros "*Mestres-Cantadores da Idade Média*".

No ciclo social se incluem os modelos de louvação: Padre Cícero, o negro nos desafios do Nordeste, o cangaceiro e demais bandidos sertanejos, santos canonizados pelo povo, superstições, adivinhações, rezas, etc.

No início de "*Vaqueiros e Cantadores*" afirma Cascudo:

*"Reino neste livro quinze anos de minha vida. (...) o material foi colhido diretamente na memória de uma infância sertaneja despreocupada e livre. Os livros, opúsculos, manuscritos, confidências, (...) vieram reforçar o 'instantâneo', que meus olhos meninos haviam fixado outrora".*<sup>29</sup>

O escritor Mário de Andrade, referindo-se ao livro "*Vaqueiros e Cantadores*", à época do seu lançamento, saudou com efusão a obra dizendo: "*É um dos livros indispensáveis de nossa literatura folclórica*". (COSTA 1969: 76/78)

Para finalizar, Cascudo faz em sua obra "*Vaqueiros e Cantadores*" um documentário sobre personagens poéticas do folclore brasileiro entre eles, Pedro Malazarte no folclore poético brasileiro, a vida de Pedro Cem e outros. O livro contém em sua parte final um resumo biográfico de vários cantadores do Nordeste.

## 2- "*Geografia dos Mitos Brasileiros*"

Este livro fala dos mitos brasileiros dos estados do Acre, Alagoas, Amazonas, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Mato Grosso, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro (Distrito Federal), Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, São Paulo e Sergipe. Explica a relação étnica nos mitos brasileiros. Fala dos Mitos Primitivos Gerais: indígenas, europeus, africanos. Diferenciações regionais. Tupã. Jurupari: Jurupari – diabo. Tupã – Deus. Quando Jurupari era Deus. O que quer dizer Jurupari? A Lenda de Jurupari. Jurupari é brasileiro? Documentário: Stradelli. Dom Frederico Costa, Bispo do Amazonas. Anhangá, Curupira e outros. (MAMEDE 1970: 46).

<sup>29</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *Vaqueiros e Cantadores*. p. 15.

Câmara Cascudo fala que as fontes essenciais desses mitos são Portugal, indígena e África. Aborda as questões das diferenciações regionais como Tupã, Jurupari, Curupira, Caapora, Saci-Pererê, Saci-Ave e suas transformações aqui e fora do Brasil. Explica inclusive outros mitos – Secundários e Locais. barba-ruiva (Piauí), cavalo marinho (Amazonas) e tantos outros.

Nesta obra, Cascudo ainda trata dos mitos nos cronistas estrangeiros: Hans Staden, Jean de Lery, Marc Grave, Rovlov Baro e outros. Fala do Lobisomem em Portugal, na América e no Brasil; de mitos em vários estados: negrinho do pastoreio (Rio grande do Sul), onça maneta (São Paulo e Minas Gerais), Zumbi (Bahia), e outros. Trata também dos mitos do ciclo da angústia infantil como: papa-figado, papa-figo, homem do saco (velho do saco ou surrão), anjo corredor e outros.

Este livro de Cascudo reúne a bicharia fantástica estudada por ele, fala do mito europeu do índio e do negro, mas segundo Cascudo os portugueses com suas conquistas na África, trouxeram para o Brasil *“mais lendas que especiarias”*.

“Geografia dos Mitos Brasileiros”, recebeu o Prêmio João Ribeiro, da Academia Brasileira de Letras em 1947.

### 3– *“Dicionário do Folclore Brasileiro”*.

A edição de 1954 foi prefaciada pelo então, Ministro da Educação e Cultura. Na nota introdutória desta obra, informa Câmara Cascudo que, publicado em 1939, *“Vaqueiros e Cantadores”* iniciaria uma listagem de temas folclóricos.

*“Comecei lentamente pôr em ordem um temário do Folclore Brasileiro, para simplificar as consultas pessoais. Lendas, mitos, superstições, indumentária, bebidas e comidas tradicionais, os santos favoritos do hagiológico nacional, os folcloristas, vinte outros temas foram sendo colocados em ordem alfabética, com indispensável bibliografia”*.<sup>30</sup>

O Dicionário do Folclore Brasileiro conforme disse o escritor Américo de Oliveira Costa, é na lista bibliográfica de Cascudo, a Suma, o Livro no sentido tomístico-escolástico da palavra. Livro<sup>f</sup> que personaliza toda a obra cascudiana.

<sup>30</sup> COSTA, Américo de Oliveira. Viagem ao Universo de Câmara Cascudo, p. 108.

Do Dicionário do Folclore partem lições de sabedoria. Nos verbetes, aglutinam-se num repente, o erudito, o pitoresco e o regional. Quanto à sua construção, diz Cascudo que foi elaborado seguindo o procedimento das três fases do estudo folclórico, ou seja: colheita, confronto e pesquisa de origem.

O escritor Nilo Pereira, referindo-se a essa obra-mestra de Câmara Cascudo, fez o seguinte comentário: “... é um monumento, só comparável aos *Sertões de Euclides da Cunha* e a *Casa Grande e Senzala de Gilberto Freire*”. (ONOFRE JR. 1997: 97)

Câmara Cascudo, ao falar do seu Dicionário diz: “*Informo que encontrei no povo do Brasil o material deste Dicionário e todas as coisas aqui registradas participam indissoluvelmente da existência normal do homem brasileiro*”. (MAMEDE. 1970)

Entendemos que qualquer ênfase será sempre diminuta perante tão exuberante obra, mas não poderíamos deixar de registrar, por omissão, o que expressaram alguns intelectuais a respeito deste “monumental” Dicionário do Folclore Brasileiro, ou o “*Cascudo*”, como o cognominou Carlos Drumond de Andrade.

### III. C – I. CÂMARA CASCUDO: UM GRANDE FOLCLORISTA?

A resposta parece dispensável aos leitores das obras folclóricas desse folclorista Norte-rio-grandense. Contudo, carece explicações necessárias, para o bom entendimento da pergunta.

A obra folclórica de Câmara Cascudo, podemos insinuar que tanto é grande em volume quanto em conteúdo. Nela o leitor encontrará a “*Linguagem alerta e pitoresca*” a que se referia Mário de Andrade, também a informação indispensável e o argumento lógico, fruto da pesquisa de origem do fato folclórico. Além da graça e das digressões explicativas próprias do autor para enriquecer o entendimento, abusando às vezes, de sua enorme erudição.

Cascudo considerava que os anos vividos no sertão foram os seus primeiros cursos de literatura oral e dizia que no sertão depois da ceia todos estavam juntos para “*conversar, espairar (...) vaqueiros, amigos vizinhos. Café e poranduba. Não havia diálogo mas uma exposição*”<sup>31</sup> da vida do sertanejo. Eram aulas de folclore. “*Os contos tinham divisões, gêneros, espécies, tipos, iam das adivinhações, aos trava-línguas mnemônicos, parlendas. Ia eu ouvindo e aprendendo*”. Tempos depois, diz Cascudo: “*Na biblioteca paterna fui encontrando outras formas e espécies da mesma substância que vira no sertão velho.*” (COSTA, 1969: 100).

<sup>31</sup> COSTA, Américo de Oliveira. Viagem ao Universo de Câmara Cascudo, p.99.

Câmara Cascudo, conforme já registramos neste capítulo, pesquisou o Folclore desde 1920 e produziu várias obras; fez anotações abundantes "viajando" pelo universal, o local e o regional. (ver "Cantos" e "Contos" Populares, de Sílvio Romero)

Sua obra folclórica que tem base em "Vaqueiros e Cantadores", passa por "Geografia dos Mitos Brasileiros", "Anúbis e outros ensaios" (Mitologia e Folclore) "Antologia do Folclore Brasileiro"; "Contos Tradicionais do Brasil" e tantas outras obras que explicam o folclorista e o seu conhecimento sobre a tradição fascinante do saber folclórico.

### III.D – PERÍODO NO QUAL CÂMARA CASCU DO SE DESTACOU COMO PRODUTOR DE OBRAS FOLCLÓRICAS/ETNOGRÁFICAS.

Durante a nossa pesquisa, verificamos que o escritor Luís da Câmara Cascudo com a publicação do seu livro "Viajando o Sertão", em 1934, dá "início" a uma série de obras, que revelam interesse pela Etnografia e o Folclore. Acreditamos que o "Viajando pelo Sertão", serviu de estímulo ao futuro folclorista, quando das suas andanças pelo sertão. E, possivelmente, deu rumo certo aos seus estudos para o caminho do saber popular, o Folclore.

Em vista disso, inferimos que a segunda publicação de Câmara Cascudo na área de Etnografia/Folclore, "Vaqueiros e Cantadores", em 1939, complementou as suas pesquisas relativas ao saber da tradição. Acreditamos que foi justamente após o estudo de "Vaqueiros e Cantadores – Folclore Poético do Sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará", que nasce o estudioso atento e criterioso da vida do povo.

Câmara Cascudo reconhecia na cultura do povo uma saber abundante e móbil no tempo e no espaço. Num dos seus livros "Tradição e Ciência do Povo", ele recordou e registrou o que dissera certa vez o etnógrafo português Cláudio Bastos que "o povo é um clássico que sobrevive".<sup>32</sup>

Depois da publicação de "Vaqueiros e Cantadores", Cascudo já demonstrava preocupação com o saber da tradição. No dia 21 de Março de 1940, na seção "Actas Diurnas" do jornal "A República", em Natal. Câmara Cascudo faz uma nota reclamando sobre o Folclore norte-rio-grandense: "se não se cuidar de escrever e registrar o Folk-Lore do RGN, ter-se-ão perdido, dentro de 20 anos, 98% das tradições do Estado". (MAMEDE, 1970: 225)

<sup>32</sup> CASCU DO, Luís da Câmara . Tradição Ciência do Povo, p.119.

No ano de 1941, funda a Sociedade Brasileira de Folclore, e em 1942 e publica a plaquete "Sociedade Brasileira de Folclore" (estatutos, certidão de registro civil, etc.)

A partir de então, começam a surgir as publicações que vão destacar o período: "Antologia do Folclore Brasileiro" (1944); "Contos Tradicionais do Brasil" (1946); "Geografia dos Mitos Brasileiros" (1947); "Meleagro" (1951); "Anúbis e Outros Ensaio" (1951); "Literatura Oral" (1952); "Cinco Livros do Povo" (1953); entre outros. Para o coroamento dessas publicações, surge a obra máxima de Cascudo, o "Dicionário do Folclore Brasileiro", em 1954.

Para concluir esse capítulo, indicamos que o período de maior produção de obras folclóricas/etnográficas de Luís da Câmara Cascudo, foram as décadas de 40/50. Todavia, essas publicações conforme listagem anexa, tiveram início antes da década de 40 e se estenderam muito além da década de 50.

### III.E – CÂMARA CASCUDO: SUA IMPORTÂNCIA E RECONHECIMENTO EM TERMOS DE FOLCLORE.

Parece não pairar dúvidas sobre a importância de Câmara Cascudo com relação à área cultural em que ele mais participou ativamente, tanto como incentivador, quanto como pesquisador sistemático da "tradição", assim como produtor de obra gigantesca ligada ao Folclore e à Etnografia.

Durante muito tempo Cascudo foi jornalista de profissão, mas pelo que observamos, o jornalismo serviu de instrumento de observação da vida do povo. Foi portanto na área da Etnografia e na do Folclore que Câmara Cascudo demonstrou maior interesse adquirindo importância entre seus pares e chegando a consagrar-se com a publicação do "Dicionário do Folclore Brasileiro", obra ímpar do gênero no Brasil. Referindo-se a essa valiosíssima publicação, afirmou o eminente escritor brasileiro Carlos Drummond de Andrade, que "em vez de falar 'Dicionário Brasileiro' poupa-se tempo falando 'O Cascudo', seu autor, mas o autor não é só dicionário, é muito mais, e sua vasta bibliografia de estudos folclóricos e históricos marca uma bela vida de 'viver' o Brasil".<sup>33</sup>

Acreditamos que estudar o escritor Luís da Câmara Cascudo, será sempre possível. Porém, analisá-lo integralmente revela pura pretensão. No nosso caso particular, perseguimos no estudo do Cascudo folclorista e apontamos que a importância do estudioso do Folclore se deu tanto pelas obras publicadas de sua autoria, como pelas obras por ele

<sup>33</sup> FERREIRA, Sônia Maria Fernandes. De como Cascudo se tornou um Autor Consagrado. p. 45.



anotadas, traduzidas ou orientadas, assim como, pelos inúmeros prefácios e reconhecidos argumentos, no trato da cultura popular.

Câmara Cascudo sempre fora um grande estimulador dos assuntos folclóricos e da pesquisa. O escritor Veríssimo de Melo, discípulo<sup>34</sup> de Cascudo, que depois tornou-se folclorista de renome com publicações no Brasil e no exterior, em seu livro *"Folclore Infantil"* (1981), afirma: *"A orientação da nossa pesquisa foi traçada pela Sociedade Brasileira de Folclore, cujo presidente, Prof. Luis da Câmara Cascudo, muito nos estimulou de todas as formas"*.

Na nossa pesquisa, Cascudo aparece como um entusiasta do estudo do Folclore. Um estudioso que acredita nas influências socializadoras que esse conhecimento permite.

Melo (1981), registra em seu livro o que ressaltou o sociólogo Florestan Fernandes, que o Folclore *"... possui um valor educativo. Pelo jogo e pela recreação, a criança se prepara para a vida, amadurece para tornar-se um adulto em seu meio social"*.<sup>35</sup>

Incentivador de atividades e assuntos folclóricos em Natal, Câmara Cascudo frequentemente publicava crônicas em jornais sobre temas do Folclore.

No jornal *"A República"*, Natal, no dia 11 de Agosto de 1947, na série "Actas Diurnas" Cascudo afirma que *"Há dias parei na esquina da Juvino Barreto vendo uns três garotos brincando o 'jogo da pedrinha'. Não me julguem desocupado (...) a brincadeira, o jogo infantil, é um elemento precioso de informação"*.<sup>36</sup>

Comentando o "jogo de pedrinha", que diz ter "mais de vinte séculos", Câmara Cascudo afirma que ninguém jamais aprendeu esse jogo nos livros. Mas, na lúdica da infância. E, para concluir sua crônica, insinua: *"Quem diria que esse joguinho infantil durasse mais do que muita glória humana"*.

Aprofundando-se no imenso manancial do Folclore, estudando o local, regional e até o universal, Câmara Cascudo tratou dos jogos, cantos, contos, adágios, adivinhas, parlendas, mitos, superstições, costumes, alimentos, credices, festas e outros. Pela sua abnegação ao Folclore foi considerado um pesquisador sério, atento e com enorme potencialidade intelectual para explicar o fato folclórico, face à sua grande erudição.

<sup>34</sup> PEREIRA, Nilo. In *Folclore Infantil*. Prefácio, p.15.

<sup>35</sup> MELO, Veríssimo. *Folclore Infantil*, p. 146.

<sup>36</sup> CASCUDO, Luís da Câmara. *Acta Diurna* Ed. 11/08/1947.

No livro *"Cultura: Um Conceito Antropológico"* (1986); Roque de Barros Laraia registra o que disse a antropóloga Ruth Benedict, referindo-se à cultura: *"... é como uma lente através da qual o homem vê o mundo"*.<sup>37</sup>

É pois, a partir destes termos, que se pode compreender a importância de Câmara Cascudo como estudioso do Folclore que na sua erudição, alocava instrumentos essenciais para explicar a tradição no âmbito local, regional e universal. Um pesquisador que comparou, anotou e coligiu os mais diversos traços culturais para fazer as suas análises sobre os processos folclóricos.

Num artigo publicado no "Jornal do Comércio", Recife, datado de 1º de Outubro de 1978, o destacado sociólogo, Gilberto Freire. Além de considerar Cascudo, o "Mestre" da "ciência folclórica", afirma que o grande folclorista potiguar é o "... Mestre que, do Brasil com repercussão no estrangeiro, enriquece os modernos estudos em setor tão importante, com seu extenso e sólido saber". E os "...seus trabalhos sistemáticos sobre assuntos folclóricos, de tanto interesse para os estudos brasileiros em geral, já são clássicos."<sup>38</sup>

Muitos são os autores que reconhecem a seriedade e a capacidade intelectual do folclorista potiguar Luís da Câmara Cascudo, desde escritores locais, nacionais e até internacionais.

A professora Vânia Gico em seu livro *"Luís da Câmara Cascudo 50 anos de Vida Intelectual, 1968/1995"*, referindo-se à produção folclórica de Câmara Cascudo afirma que *"O estudo do Folclore que o consagrou, quando analisado do ponto de vista da Antropologia Cultural (...) manifestada em especial no Rio Grande do Norte, possui uma visão da cultura universal"*.<sup>39</sup>

Além do reconhecimento pessoal, da comunidade intelectual, Câmara Cascudo recebeu prêmios e condecorações de instituições brasileiras e internacionais. Como exemplos citamos o prêmio "Machado de Assis", da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto de suas obras, e o prêmio "Henning Albert Boilesen", pela sua contribuição ao aperfeiçoamento da cultura do país.

<sup>37</sup> LARAIA, Roque de Barros. *Cultura um Conceito Antropológico*, p. 69.

<sup>38</sup> FREIRE, Gilberto. *O Anônimo Folclórico no Comportamento e na Cultura do Brasileiro*, p.12.

<sup>39</sup> GICO, Vânia. *op.cit...* p.29.

O escritor Américo de Oliveira Costa, em "Viagem ao Universo de Câmara Cascudo", obra que recebeu o prêmio nacional Luís da Câmara Cascudo, da Fundação José Augusto, afirma que no domínio da cultura, Cascudo tornou-se uma grande categoria mental. E registra que o mestre ilustre de Salamanca, Dom Miguel de Unamuno, via na obra de Câmara Cascudo: "*Una vision movimentada y colorida en el Folklore brasileño*".

Afirmamos que constitui grande esforço compreender o folclorista Luís da Câmara Cascudo, contudo, sinaliza coerência, reconhecemos sua importância.

Rául Cortázar, folclorista argentino, afirma que Cascudo é o "*Maestro del Folklore en América*".<sup>40</sup>

---

<sup>40</sup> COSTA, Américo de Oliveira. Viagem ao Universo de Câmara Cascudo, p.74.

#### IV – CONCLUSÃO

A nossa pesquisa estudou Luís da Câmara Cascudo apenas num plano singular do conhecimento, o Folclore. Procuramos analisar a sua contribuição ao estudo dessa disciplina num período situado em duas décadas 40/50.

A princípio estudamos o Folclore desde suas primeiras concepções na Inglaterra (século XIX). Depois procuramos averiguar diferentes conceitos de Folclore na visão de vários autores brasileiros. A partir desses estudos, começamos a analisar como ocorreu o desenvolvimento dos estudos de Folclore no Brasil do século XIX, até às primeiras décadas do século XX.

Dessa forma, dirigimos a nossa pesquisa no sentido de evidenciar o escritor potiguar Luís da Câmara Cascudo como o nosso objeto de estudo.

A partir desse contexto, procuramos analisar como em função dos movimentos históricos culturais ocorridos nos primeiros decênios do século vinte, especialmente, o “Movimento Modernista”, o escritor Câmara Cascudo se inseriu nesse movimento cultural, mesmo residindo, afastado dos grandes centros culturais do país. Esse movimento cultural no Brasil foi muito importante pelo intercâmbio que foi realizado entre vários intelectuais.

Acreditamos que a partir das idéias modernistas, Cascudo começou a produzir obras sobre Folclore e Etnografia.

Como resultado da nossa pesquisa, informamos que a grande contribuição de Câmara Cascudo ao Folclore brasileiro, é incontestável, tanto do ponto de vista da produção bibliográfica como pela qualidade de suas obras. Afirmamos isso, balizado nas referências registradas por diversas personalidades intelectuais tanto a nível nacional como internacional.

Verificamos que o período em que Câmara Cascudo mais produziu obras folclóricas/etnográficas, foram as décadas de 40/50 justamente o recorte temporal por nós estudado.

Afirmamos, que Luís da Câmara Cascudo não foi influenciado pelo escritor paulista Mário de Andrade para estudar Folclore como afirma a literatura local citada no nosso trabalho. Registramos todavia que muito antes de manter contato com Mário de Andrade, Cascudo já produzia e publicava obras sobre Folclore e Etnografia, conforme apresentamos na nossa pesquisa. Ressaltamos entretanto, que o escritor Norte-rio-grandense

Câmara Cascudo depois de conhecer Mário de Andrade apenas consolidou os seus estudos de Folclore. Pois em 1920, muito antes da amizade entre os dois escritores a que nos referimos, Cascudo já havia publicado obras sobre Folclore.

Portanto, à partir da "tomada" feita pelos modernistas dos temas nacionais e regionais, aumenta a demanda sobre Folclore e Etnografia e que tempos depois, quando Cascudo publica "Vaqueiros e Cantadores", está aberta uma vasta lista de obras na área que consagrou o Folclorista Norte-rio-grandense.

## VI ANEXO I

### Lista das obras de Folclore e Etnografia de Luís da Câmara Cascudo:

1. Viajando o sertão. Natal: Imprensa Oficial, 1934. 52p.
2. Sociedade Brasileira de Folclore (Estatutos, Registro Civil, etc.). Natal: DEIP, 1942. 14p.
3. Antologia do Folclore Brasileiro. São Paulo: Martins, 1944. 356p.
4. Os Melhores Contos Populares de Portugal (Seleção e Estudo Luís da Câmara Cascudo). Rio de Janeiro: Dois Mundos 1944.
5. Fok-Lore nos Auto Camoneanos. Natal: Departamento de Imprensa, 1950. 254p.
6. Anúbis e outros Ensaio (Mitologia e Folclore). Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1951. 283p
7. Meleagro (Depoimento e Pesquisas sobre a Magia Branca no Brasil). Rio de Janeiro: Agir, 1951. 208p.--
8. Literatura Oral. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora. Coleção Documentos Brasileiros, vol. 63-a, 1952. 465p.
9. Cinco Livros do Povo (Introdução ao Estudo da Novelística no Brasil. Pesquisas e Notas). 2ª edição. João Pessoa: Editora Universitária: Coleção Documentos Brasileiros, vol. 72, 1953.
10. Com Dom Quixote no Folclore do Brasil. [Separata: Revista de Dialectologia y Tradiciones Populares, 8 (3): 385/406,1952]. Madri: C. Bermejo, 1952. 22p.
11. Dicionário do Folclore Brasileiro. Rio de Janeiro, Instituto Nacional do Livro, 1954. 660p.
12. Contos de Encantamentos. Salvador: Progresso, 1954. 124p.
13. Trinta Estórias Brasileiras (Seleção, Estudo e Notas). Lisboa: Portucalense, 1955. 172p.
14. Tradições Populares da Pecuária Nordestina (Ministério da Agricultura – Serviço de Informação Agrícola), Rio de Janeiro; 1956 – Editora Asa, Recife: 1985. 78p.
15. Superstições e Costumes (Pesquisas e Notas de Etnografia). Rio de Janeiro, Livraria Antunes, 1958.

16. Rede de Dormir: Uma Pesquisa Etnográfica (Escrito para a "Societad" Étudas Históriques Dom Pedro II"). Rio de Janeiro: Serviço de Documentação DIN/MEC, 1959. 242p.
17. Etnografia e Direito. Recife: Imprensa Oficial, 1961. 28p.
18. Roland no Brasil. Natal: Tipografia Santa Teresinha, 1962. 11p.
19. Jangada: Uma Pesquisa Etnográfica. Rio de Janeiro: Letras e Artes, 1964. 167p.
20. Motivos da Literatura oral da França no Brasil. Temas do Mireio no Folclore de Portugal e Brasil. Motivos do "Heptamerom". Recife: (S. N.). 1964. 66p.
21. Contos Tradicionais do Brasil (Confronto e Notas). Rio de Janeiro: América Edit., 1964. 410p.
22. Made in África (Pesquisas e Notas). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1965. 193p.
23. Voz de Néssus (Inicial de um Dicionário Brasileiro de Superstições). João Pessoa: Departamento Cultural, UFPB, 1966. 108p.
24. Vaqueiros e Cantadores (Folclore Poético do Sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará). 2ª edição. Rio de Janeiro: Tecnoprint, 1968. 275p. Folclore do Brasil. Pesquisas e Notas. 2ª Edição. Natal: Fundação José Augusto, 1980. 258p.-
25. Coisas que o Povo diz. Rio de Janeiro: Bloch, 1968. 206p.
26. Calendários das Festas. Cadernos de Folclore n. 5, Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1968. 8p.
27. Locuções Tradicionais no Brasil. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 1970. 327p.
28. Tradição Ciência do Povo (pesquisa na Cultura Popular do Brasil). São Paulo, Editora Perspectiva, 1971. 198p.
29. Folclore Nos Auto Camoneanos. (Separata: Revista da Etnografia e História, da Junta Distrital do Porto). Porto: Imprensa Portuguesa, 1972. 254p.
30. Religião no Povo. João Pessoa: Imprensa UFPB, 1974. 194p.
31. Mitos Brasileiros. Rio de Janeiro: DAC/FUNARTE/MEC (Cadernos de Folclore). 1976. Nova Série, 6. 24p.
32. Folclore do Brasil. Pesquisas e Notas. 2ª edição. Natal: Fundação José Augusto, 1980. 258p.
33. Geografia dos Mitos Brasileiros. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1983. 346p.

34. Superstição no Brasil. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1985. 441p.
35. Lendas Brasileiras (Folclore): 21 Histórias Criadas pela Imaginação do Povo. Rio de Janeiro: Ediouro, (19...). 101p.

Traduções e Edições Anotadas por Câmara Cascudo: (\*)

36. Hartt, Charles Frederik. Mitologia Indígena do Amazonas. Rio de Janeiro: Organizações Simões (19..)
37. Hartt, Charles Frederik. Os Mitos Amazônicos da Tartaruga. Recife: Arquivo Público Estadual, 1952. 69p.
38. Moraes Filho, Melo. Festas e Tradições Populares do Brasil. Rio de Janeiro: Briguiet, 1946.
39. Romero, Silvio. Contos Populares do Brasil. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1954.

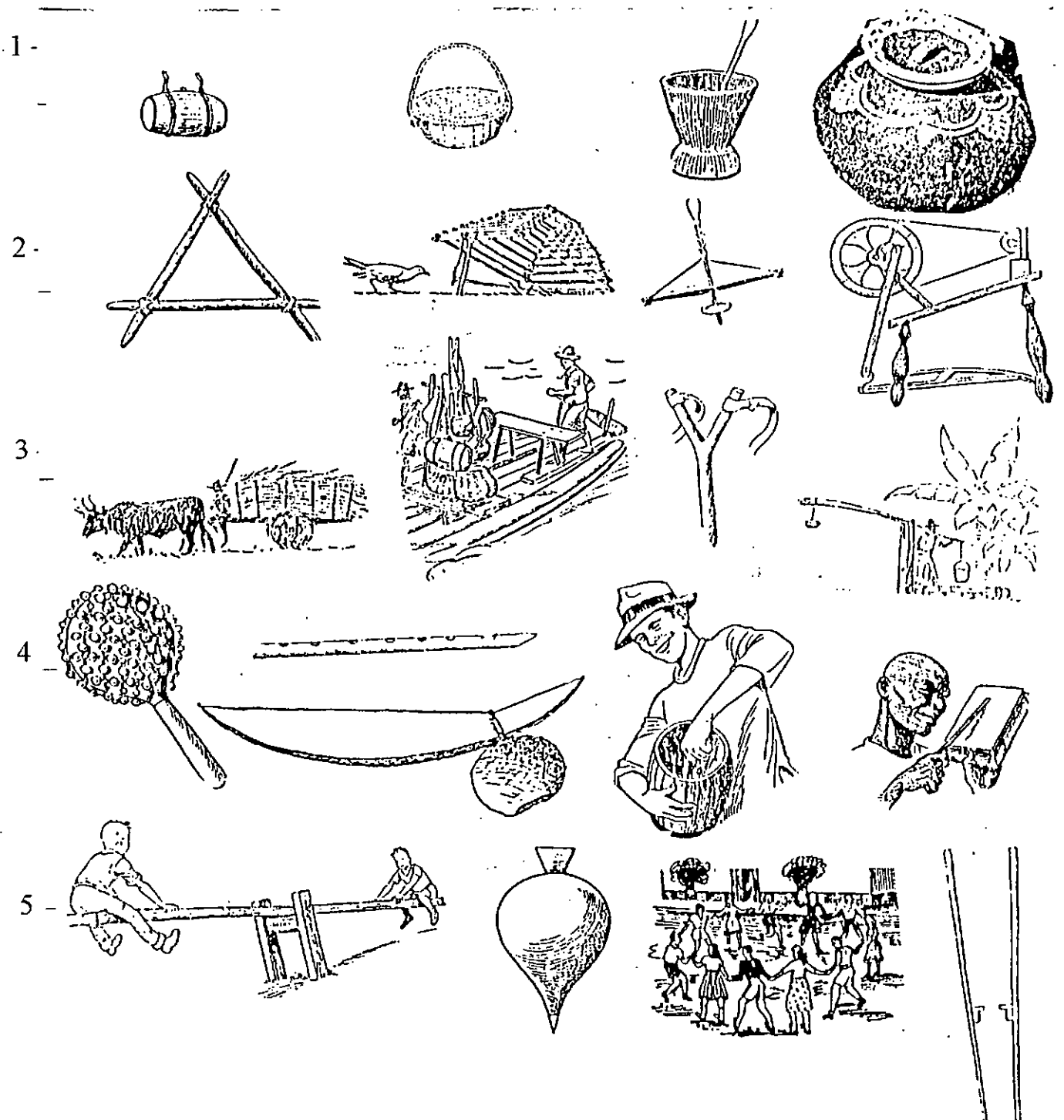
Ensaio Publicado em Jornais e Revistas

40. Folclore da Alimentação. Revista Brasileira de Folclore. RJ: Ano III, N. 7 Set/Dez. 1963.
41. Aves e Pássaros no Folclore Brasileiro. Revista do Livro – Instituto Nacional do Livro. MEC 19. Ano V – Setembro – 1960.
42. A Libra da Carne no Ciclo de Malazarte. Revista Brasileira de Folclore. RJ: Ano VI. N.15. Maio/Agosto de 1966.
43. Jesus Cristo no Sertão. São Paulo: Revista do Brasil. 20 Fevereiro de 1922.
44. Folclore Infantil. Natal: A Imprensa, 13 de Julho de 1924.
45. Alguns Jogos Infantis [Separata: Douro-litoral, 7/8 da quinta série] Porto: Simões Lopes, 1955. 5p.
46. Visão do Folclore Nordestino. [Separata: Porto: Revista de Etnografia, 29 – Museu de Etnografia e História – Junta Distrital do Porto, 1972]. Porto: Imprensa Portuguesa [1972]. 7p.



## VI ANEXO II

1- Utensílios, 2- apetrechos, 3- equipamentos, 4- instrumentos musicais, 5- brinquedos e danças folclóricas.



## VII - BIBLIOGRAFIA

1. ALMEIDA, Renato. A Inteligência do Folclore. Rio de Janeiro: Ed. Americana, 1974.
2. ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de: Asas de Sófia. Ensaios Cascudianos. Natal: EDURN. 1997.
3. \_\_\_\_\_ . Modernismo: Anos 20 no Rio Grande do Norte. Natal: FIERN; SESI, 1998.
4. BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é folclore. São Paulo: Brasiliense, 1994.
5. CARNEIRO, Edison. Evolução dos estudos de folclore no Brasil. In Revista Brasileira de Folclore. Ano II, n.3, MEC 1962.
6. CASCUDO, Luís da Câmara. Acta-Diurna. A República, Natal, 11 de agosto de 1947.
7. \_\_\_\_\_ . Antologia do Folclore Brasileiro. São Paulo: Martins, 1965.
8. \_\_\_\_\_ . Anúbis e outros ensaios; mitologia e folclore. Rio de Janeiro: Ed. O Cruzeiro, 1951.
9. \_\_\_\_\_ . Dicionário do Folclore Brasileiro, São Paulo: Melhoramentos, MEC 4<sup>a</sup>-ed. 1979.
10. \_\_\_\_\_ . Folclore do Brasil: Pesquisas e Notas. 2<sup>a</sup> ed. natal: Fundação José Augusto, 1980.
11. \_\_\_\_\_ . Geografia dos Mitos Brasileiros. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: EDUSP, 1983.

12. \_\_\_\_\_ Tradição Ciência do Povo. Pesquisa na Cultura Popular do Brasil. São Paulo: Perspectiva. 1971.
13. \_\_\_\_\_ O Tempo e Eu. Confidências e Proposições. Natal: EDURN. 1998.
14. \_\_\_\_\_ Vaqueiros e Cantadores: folclore poético do sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Ed. Itatiaia, São Paulo: 1984.
15. COSTA, Américo de Oliveira. Viagem ao Universo de Câmara Cascudo: tentativa de ensaio bibliográfico. Natal: Fundação José Augusto, 1969.
16. FERREIRA, Sônia Maria Fernandes. De como Câmara Cascudo se tornou um autor consagrado. Natal: Clima, 1986.
17. FREIRE, Gilberto. O ânimo folclórico no comportamento e na cultura do brasileiro. In. Revista norte-rio-grandense de folclore. V.1, Nº1. Junho de 1979.
18. GICO, Vânia. Luis da Câmara Cascudo: Bibliografia Comentada. 1968/1985. Natal: EDUFRN. 1996.
19. LARAIA, Roque de Barros. Cultura – um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
20. MAMEDE, Zila. Luis da Câmara Cascudo: 50 anos de vida intelectual. 1918/1968. Bibliografia Anotadas, Volume I, Parte I, Natal: Fundação José Augusto, 1970.
21. MELO, Verissimo de. Cartas de Mário de Andrade a Luís da Câmara Cascudo. Introdução e notas por Verissimo de Melo. Belo Horizonte: 1991.

22. \_\_\_\_\_ . Folclore Infantil. Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília; INL, 1981.
23. ONOFRE JR., Manoel. Literatura e Província. Natal: EDURN, 1997.
24. PELLEGRINI FILHO, Américo. Antologia do Folclore Brasileiro. São Paulo: Edart, 1982..
25. SOUZA, Itamar. Câmara Cascudo, vida e obra - Projeto Ler. Diário de Natal, 1999.